

RESENHA DE “IDEALISMO E ROMANTISMO: UMA HISTÓRIA GERAL DAS FILOSOFIAS DO SABER E DA LIBERDADE”, DE HUMBERTO SCHUBERT COELHO. PETRÓPOLIS:VOZES, 2024. 437 P. ISBN: 978-85-326-6770-0

Gabriel Rodrigues da Silva¹
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Brasil

Em seu livro *Idealismo e Romantismo: uma história geral das filosofias do saber e da liberdade*, Humberto Schubert Coelho expõe, ao longo de mais de quatrocentas páginas, o Idealismo e o Romantismo alemães. Publicado em 2024 pela Editora Vozes, o livro reúne resultados de quase duas décadas de pesquisas, iniciadas em 2005. O autor possui uma longa formação. Realizou graduação, mestrado e doutorado em Filosofia na Universidade Federal de Juiz de Fora, onde hoje leciona. Também realizou estágios pós-doutorais na Escola Superior de Teologia e na Universidade de Oxford. Faz parte de diversos grupos de estudos e sociedades de pesquisas, além de possuir muitas publicações nas áreas supracitadas e adjacentes.

Antes de tratarmos propriamente do conteúdo do seu novo livro, gostaríamos de mapear parte da bibliografia em língua portuguesa dedicada aos tópicos abordados nele. Isso será pertinente para a resenha e também para esboçar o cenário no qual nos encontramos e trabalhamos. Mesmo com uma pesquisa mais profunda, observa-se não serem muitos os livros, disponíveis em língua portuguesa, que se dedicam ao Idealismo e Romantismo. Para fins elucidativos os separamos em dois eixos: aqueles dedicados ao Idealismo e aqueles dedicados ao Romantismo. Na sequência, evidenciamos dois recortes:

¹ Doutorando (2024-) em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Mestre (2023), Licenciado (2019) e Bacharel (2018) em Filosofia pela mesma instituição. Membro do Grupo Hegel e o Idealismo Especulativo - Laboratório Hegel (GHIE-LH), certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Membro do Grupo de Trabalho Hegel (GT Hegel) da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF). Membro da Sociedade Hegel Brasileira (SHB). E-mail: gabriel-rs@outlook.com.br

aqueles que são frutos da pesquisa brasileira e aqueles que, apesar de estarem traduzidos para português, não refletem necessariamente a pesquisa brasileira, por serem de autores estrangeiros. Certamente existem livros que deixamos de fora. É sempre difícil abarcar toda a bibliografia, ainda que de um assunto circunscrito e em uma língua específica. Em nossa pesquisa, utilizamos buscadores acadêmicos, sabemos que essas ferramentas não são infalíveis. Nos parece que em português a bibliografia sobre Romantismo é menor do que a bibliografia sobre Idealismo, ainda que existam obras dedicadas a aspectos do Romantismo nas mais diversas áreas, enquanto a bibliografia sobre Idealismo é mais circunscrita à filosofia. Ou seja, quem escreve sobre Idealismo Alemão é conhecido do público especializado e os filósofos listados são praticamente os mesmos: Kant, Fichte, Schelling, Hegel. Já em relação ao Romantismo, existem obras sobre suas influências na poesia, nas artes visuais, na música, na política, além de suas especificidades em países diversos — como o Romantismo alemão, francês, ou inglês — e assim por diante. Logo, abordar o Romantismo parece exigir uma maior capacidade de transitar entre áreas e saberes. Inversamente, ao abordar o Idealismo, o que se exige são conhecimentos precisamente filosóficos, isto é, familiaridade com a filosofia, sua história e seus conceitos. Mergulhar no Idealismo é adentrar em uma filosofia circunscrita temporal, geográfica e linguisticamente. Por outro lado, mergulhar no Romantismo é adentrar num abismo de áreas e saberes, certamente uma dificuldade maior.

Entre os livros dedicados ao Idealismo, podemos mencionar: *A filosofia do Idealismo Alemão* (1960) de Nicolai Hartmann; *Entre Kant e Hegel* (2004) de Joãozinho Beckenkamp *Arte e filosofia no Idealismo Alemão* (2009), coletânea organizada por Marco Aurélio Werle e Pedro Fernandes Galé; *Idealismo Alemão* (2013) de Will Dudley; *História, Estado e Idealismo Alemão* (2017) de José Luiz Borges Horta e Karina Salgado; *Ceticismo e Idealismo Alemão* (2019) também de Beckenkamp. Destes, apenas Dudley e Hartmann não são brasileiros, sendo seus livros, portanto, traduções.

O livro de Hartmann é sem dúvida um marco na biografia sobre o assunto, sobretudo para o Brasil. Além de sua qualidade reconhecida, foi importantíssimo na formação de gerações de pesquisadores brasileiros. A partir dos anos 2000, vimos florescer novas obras sobre o Idealismo Alemão. Mas, antes disso, em uma época de pouco acesso à internet, foi imprescindível. Hoje, diante de novas e acessíveis publicações, graças à popularização da internet, parece pouco utilizado, mas sua qualidade permanece. Talvez devesse

ser republicado, possibilitando que chegasse mais facilmente às novas gerações.

Também a coletânea organizada por Werle e Galé é um rico material para a exposição do Idealismo Alemão, contando com capítulos de diversos e experientes pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Como seu título já esclarece, seu foco é na estética desse período, não procura, portanto, ser uma apresentação sistemática do Idealismo.

O livro de Dudley, por sua vez, ainda que esquemático, é altamente recomendado. Sua clareza é um grande auxílio aos que desejam iniciar os estudos nessa área, que é complexa. Por ser recente, conta com um aparato mais próximo das pesquisas atuais.

O livro de Horta e Salgado, apesar do uso do termo “Idealismo Alemão”, está mais preocupado com alguns desdobramentos filosóficos de Kant e Hegel. Maiormente na área da política e do direito, do que propriamente com a precisão e rigor necessários de uma história da filosofia, que deveria explicitar o movimento histórico do Idealismo Alemão. Portanto, não é tão interessante nesse momento, ainda que o título nos aluda ao Idealismo Alemão.

Por fim, ambos os livros de Beckenkamp contribuem significativamente no alargamento da caracterização do Idealismo Alemão na literatura brasileira, sendo exemplos de pesquisa histórica em filosofia. O primeiro é mais amplo e traz nomes menos conhecidos do cenário e da época na qual o Idealismo Alemão floresceu, como Mendelssohn e Jacobi. Ou seja, Beckenkamp aborda aquilo que há *entre* Kant e Hegel, não somente os grandes nomes desse período, mas as figuras menores. O segundo é mais focado na relação intrincada, mas fundamental, entre Idealismo e Ceticismo, contando, inclusive, com uma tradução inédita de Hegel.

Entre os livros dedicados ao Romantismo, podemos mencionar: *As utopias românticas* (2008) de Elias Thomé Saliba; *Romantismo: uma questão alemã* (2010) de Rüdiger Safranski; *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade* (1995/2015) de Michael Löwy e Robert Sayre; *O Romantismo* (2020), coletânea organizada por Jacob Guinsburg; *As raízes do Romantismo* (2015/2022) de Isaiah Berlin. Dentre os listados, os brasileiros são Saliba, Guinsburg e Löwy que, apesar de ser brasileiro, reside na França há anos, escreve em francês e seus trabalhos são geralmente traduzidos.

O livro de Berlin é excelente, mas não tão profundo quanto um historiador da filosofia necessita. Vale lembrar que ele é conhecido primordialmente por ser um historiador das ideias e não um historiador

da filosofia. A leitura é agradável e fácil. Berlin consegue exprimir, de modo fluído, a essência do Romantismo, suas raízes e percalços, atribuindo-lhe características que ajudam a formar uma imagem desse movimento. Mas o embasamento filosófico é deixado um pouco de lado. Aqueles que se formaram em filosofia, podem sentir falta de um aprofundamento teórico dos grandes nomes do período, suas ligações e influências. Talvez isso possa ser justificado pelo caráter oral. O livro é fruto de conferências proferidas por ele. Assim, a forma ensaística é evidente. Em *Ideias políticas na era romântica: ascensão e influência no pensamento moderno* (2009), Berlin aborda parcialmente a época do Romantismo. Este não merece ser listado com os outros, por ser mais circunscrito às mais variadas ideias políticas e suas repercussões do que propriamente à era romântica. O Romantismo aparece como plano de fundo, não como personagem central.

Em relação ao livro de Saliba, confessamos que não o conhecíamos antes da busca realizada. Infelizmente, não conseguimos lê-lo antes dessa resenha. Logo, não podemos avaliá-lo agora, mas esperamos fazê-lo em um momento oportuno.

O livro de Safranski é muitíssimo conhecido. Traduzido para o português, inglês e espanhol. É bastante amplo e abarca o Romantismo desde suas origens aos seus desdobramentos mais contemporâneos. Passando por autores do século XX, como Hesse e Mann, Safranski leva *motivos românticos* até mesmo aos movimentos estudantis e sindicais que efervesceram a França em maio de 1968. Essa abordagem é curiosa e merece ser avaliada, ainda mais ao se considerar as capacidades de Safranski em traçar perfis. Ele escreveu biografias de Goethe, Schiller, Nietzsche, Heidegger, Schopenhauer e outros. Apesar disso, pode ser considerada exacerbada, pois se pode perder a precisão histórica desejada quando se aborda desenfreadamente um movimento localizado.

Algo similar ocorre com o livro de Löwy e Sayre, o qual é particularmente interessante, especialmente por conta de suas preocupações marxistas ou marxianas. Há uma tentativa de mostrar o valor de algumas ideias românticas — de certas vertentes do Romantismo — ainda para nossa época. Por exemplo, aproximação de ideais românticos com teses ecossocialistas ou ecocomunistas. Vemos, assim, a valorização da natureza e da organicidade da vida, a recusa da tecnicização, do desenvolvimentismo desenfreado e do materialismo simplório e vulgar. Ainda que propale-se para além do “Romantismo mesmo” — se é que exista algo assim — e, em alguns casos, imbua nesse movimento causas e preocupações externas a ele, o livro consegue trazer vivamente o Romantismo às novas gerações,

o que é significativo. Os autores seguem direção parecida em *Anticapitalismo romântico e natureza: o jardim encantado* (2021), que não trata sobre Romantismo no mesmo molde que os outros citados. Em certa medida, o livro de Coelho também se propõe para além dos limites históricos (Coelho, 2024, p. 13).

O problema aqui é o mesmo no caso de Safranski. Ao procurar ligar o Romantismo com movimentos anacrônicos, pode-se forçar o Romantismo a algo que ele não é, reduzi-lo a uma caracterização vulgar. Ou seja, ultrapassar os limites históricos, ainda que possa ser interessante para mostrar a vivacidade do que se deseja, também pode ser perigoso ao descaracterizar aquilo que se aborda. Portanto, essa espécie de movimento deve ser feita com cuidado e astúcia.

Por sua vez, a coletânea organizada por Guinsburg é extremamente valiosa ao contar com a colaboração de grandes intelectuais brasileiros. Todavia, por coletar escritos com vieses diversos, o que é próprio de uma coletânea, sente-se falta, nesses casos, de uma unidade, um encadeamento entre as visões expostas nos diversos capítulos. O mesmo se aplica à coletânea organizada por Werle e Galé, mencionada anteriormente quando falamos do Idealismo. Isso não é uma crítica às coletâneas, visto serem de grande qualidade, mas é natural haver diferenças interpretativas em uma obra feita por muitas mãos. O mais problemático disso é que o leitor pode titubear quando colocado entre duas interpretações diferentes do mesmo fenômeno, ainda mais se estiver iniciando seus estudos.

Após esse mapeamento da bibliografia em português sobre os tópicos abordados por Coelho, voltamos ao seu livro, que, além da introdução, se divide em sete capítulos: “1 – Pré-história do Idealismo e do Romantismo”; “2 – O ponto de inflexão do Idealismo transcendental”; “3 – Nasce o Idealismo Alemão”; “4 – A insurreição romântica”; “5 – O jovem Hegel e a Fenomenologia do Espírito”; “6 – O apogeu da filosofia da liberdade e do organicismo: Schelling e Goethe”; “7 – A ascensão da ciência”. Cada um destes possui subdivisões próprias, as quais não listamos aqui por conta da extensão. A seguir, abordaremos cada um dos capítulos. O livro de resenhado é caracterizado por um certo vai e vem, o que é típico dos movimentos que o autor deseja expor, marcadamente dialógicos (Ibid., p. 96). Também não desejamos resumi-lo, isso não parece adequado a uma resenha. Mas desejamos salientar a abordagem do autor, isto é, suas escolhas metodológicas, interpretativas e os aspectos que julgamos mais importantes. Sabemos que o conteúdo é difícil, esperamos, assim, conseguir captar o que é há de mais fundamental nessa exposição e instigar no leitor a curiosidade pela obra. Ou seja, encorajamos que o

leitor da resenha leia a obra resenhada.

O livro chama a atenção logo de cara por tratar do Idealismo e do Romantismo. Essa duplicidade não se encontra nas referências listadas anteriormente. Isso, por si só, já é uma diferença crucial. Na bibliografia em língua portuguesa, vemos Idealismo de um lado e Romantismo do outro. Coelho se mostra corajoso por preencher essa lacuna e expor as conexões entre esses dois movimentos, o que é um grande mérito.

Em seu subtítulo, o autor caracteriza o Idealismo como filosofia do saber, e o Romantismo como filosofia da liberdade, o que é válido. O Idealismo é um movimento caracteristicamente filosófico. É claro que há desdobramentos desse movimento em outras searas, como religião e arte. Mas, ainda assim, é um movimento definido no interior de um debate filosófico entre diversos, mas específicos, autores. Todavia, o Romantismo não é um movimento estritamente filosófico, mas *também* filosófico. Ele toca a religião, a arte — em todas suas manifestações: pintura, escultura, arquitetura, teatro, dança, literatura, música — a filosofia, a política, a cultura de modo geral, se expandindo mais desenfreadamente. Talvez por ser tão acelerado, seja menos rigoroso. Por isso, o Romantismo pode ser considerado um movimento que contempla posições conflitantes. É difícil encaixá-lo. Vemos essa tese, por exemplo, em Berlin (2022) e, parcialmente, em Löwy e Sayre (1995/2015). Assim, questionamos se é adequado limitar o Romantismo à filosofia, como *parece* fazer Coelho. Entendemos, porém, que o autor aborda o Romantismo quase exclusivamente em sua verve filosófica. É claro que outros elementos despontam ao longo da obra, mas o olhar é majoritariamente filosófico. Além disso, ao colocar lado a lado o Idealismo (como filosofia do saber) e o Romantismo (como filosofia da liberdade), pode soar que o Idealismo não almeja a liberdade ou que o Romantismo não almeja o saber. Contudo, o próprio autor conhece e expõe que a liberdade é central ao Idealismo Alemão. Em síntese, para os idealistas alemães, o saber não se desvincula da liberdade e só é possível ser livre por meio do saber, assim como só é possível saber por meio da liberdade do pensar que se autodetermina. Com essas ponderações que fizemos, não queremos desqualificar a escolha do subtítulo. Ao contrário, o subtítulo já possibilita que se antecipe os conteúdos do livro. Sabemos que é impossível definir qualquer movimento intelectual ou escola filosófica em uma palavra sem cair em generalizações que podem ser problematizadas, e isso não é um demérito do livro.

No primeiro capítulo, Coelho tece as origens do Idealismo e do Romantismo. Pode-se afirmar que o autor mais abordado nesse

momento é Kant, considerado um avô destes movimentos. Sua importância é clara, sendo merecido o grande espaço que ocupa no livro. Além de Kant, que aparece em vários momentos, Hegel ocupa muito espaço e parece ser o filósofo mais abordado nele. Coelho perpassa a *Crítica da razão pura*, a *Crítica da razão prática* e os *Prolegômenos*. A abordagem é, aqui, bastante objetiva e direta. O capítulo também poderia servir como uma introdução à filosofia crítica, ao analisar aquilo que há de mais basilar em seu pensamento. Também Herder ganha seu espaço, aproximando-se do que será o Romantismo. Será a partir das reações à filosofia kantiana, efetuadas por Reinhold, Jacobi e Maimon, que o Idealismo começará a se estruturar como um movimento filosófico, um debate, com tópicos e problemas circunscritos.

O segundo capítulo inicia-se com Schulze, filósofo que Coelho apresenta sucintamente. Schulze é autor de *Aenesidemo*, importante obra cética que confronta Kant via Reinhold. Eclode uma figura importantíssima para a cultura alemã da época, principalmente para o Idealismo e Romantismo. Curiosamente, essa figura não é uma pessoa, mas uma cidade: “É possível sustentar, portanto, que o palco que possibilitou o nascimento do Romantismo, particularmente em sua fórmula alemã original, foi montado pela explosão cultural de Weimar.” (Ibid., p. 89). A importância de Weimar foi alcançada por conta dos apoios financeiros, necessários para o florescimento de qualquer ambiente intelectual, e da regência adequada, sendo Goethe seu responsável. Ou seja, a combinação entre dinheiro, empenho, estrutura adequada e um patrono, foi frutífera. Mais à frente lemos: “[...] então o ambiente Weimar-Jena foi responsável não apenas pela gestação do Idealismo Alemão como também do Romantismo, aumentando ainda mais o valor histórico dessa conjuntura para a cultura universal.” (Ibid., p. 89). Nesse momento do livro, o autor apresenta uma nova figura desse complexo álbum: Fichte, que deslança na cena filosófica alemã (Ibid., p. 170). Aqui, aquelas figuras conhecidas do Idealismo começam a se estruturar. Na sequência, desenvolve-se a então nova publicação de Kant, a *Crítica da faculdade de julgar*. É a partir disso que se dará o surgimento de uma feição mais filosófica por parte de Schiller. Nas páginas finais, Goethe se torna o centro das atenções. Segundo o autor, o *Fausto* de Goethe é um gêmeo da *Fenomenologia* de Hegel. O primeiro realizado em verso, artisticamente, o segundo em prosa, cientificamente. Goethe não é simplesmente um romântico, muito menos um idealista. Mas consegue transitar nessa época vivida de saberes, que ficou conhecida posteriormente como *Goethezeit*.

Se nos capítulos anteriores Coelho apresenta a gestação do

Idealismo, no terceiro capítulo, o autor apresenta o nascimento. Fichte e Schelling são abordados nesse momento (Ibid., p. 195). Será a partir das contribuições fichteanas e schellingianas que o Idealismo ganha corpo e começa a se situar como um movimento verdadeiramente filosófico. As reações a Kant, feitas por Reinhold, Jacobi e Maimon, apesar de importantes, não conseguem dar o passo em direção à constituição de um movimento genuíno. Isso ocorre com Fichte e Schelling.

No quarto capítulo é a vez do surgimento do Romantismo. Os irmãos Schlegel aparecem, assim como Novalis, Hölderlin e Schleiermacher. Diferente de Berlin (2015/2022) e Safranski (2010), que afirmam a especificidade alemã do Romantismo — para eles, o Romantismo é um movimento tipicamente alemão, nascido e criado ali, que apenas posteriormente se difundiu para outros países —, Coelho parece entender o Romantismo como movimento de dupla cidadania: francesa e alemã, ambos vinculados à filosofia de Rousseau que perpetrou de modo diferente nesses países. Na França como ideal de igualdade, na Alemanha como ideal de liberdade (Ibid., p. 89).

Neste capítulo, o autor fornece caracterizações marcantes do Romantismo. Segundo ele, o Romantismo rechaça o materialismo e o mecanicismo e enaltece o místico, o mito e o gênio. O movimento é marcado por uma busca de apreensão do incomensurável. As ciências, segundo essa compreensão, seriam inaptas para isso, mas a arte não. Além disso, esclarece que a caracterização dos românticos como anarquistas ou rebeldes é infundada e exagerada. Segundo ele, o mesmo ocorre com a caracterização simplista que reduzem os românticos a conservadores ou tradicionalistas.

No quinto capítulo, Hegel aparece no cenário, e o seguimos por sua juventude, perpassando brevemente por sua época em Berna e Frankfurt, com o *Differenzschrift* e *Fé e saber*. Em Jena, acompanhamos a publicação e os percalços da *Fenomenologia do espírito* em 1807. Coelho se alonga na apresentação da *Fenomenologia*, passando por suas ideias fundamentais: consciência, autoconsciência, consciência infeliz, dialética do senhor e do escravo, razão, espírito, religião e saber absoluto. Esses trechos também servem como uma introdução à filosofia hegeliana, assim como ocorrera anteriormente com Kant. Na sequência, em poucas páginas, Hegel chega a Nuremberg.

A importância do paralelo entre Idealismo e Romantismo fica patente quando se percebe que os elementos do Romantismo permitem que o Idealismo não recaia em um racionalismo. A leitura do Idealismo, quando colocada ao lado da do Romantismo, perde a sua ingenuidade. Um Idealismo ingênuo é pobre e pode parecer

um racionalismo raso, como se fosse uma supremacia da razão pura desconsiderada da sensibilidade. A vontade (*Wille*), a subjetividade, a emoção, serão incorporadas nessa noção idealista de razão (Ibid., p. 62). O Idealismo Alemão sabe conciliar elementos presentes no Romantismo, como a valorização da sensibilidade e da intuição. O resultado é um Idealismo que possui uma noção rica de experiência, fundada na idealidade da materialidade (Ibid., p. 167). Ou seja, não é um racional desvinculado do empírico. Ousamos dizer que Hegel é o maior expoente desse movimento de enraizamento do Romantismo dentro no Idealismo, sendo a *Fenomenologia* seu melhor exemplo. Talvez o afastamento de elementos românticos podem indicar mudanças que levaram do Hegel jovem ao maduro, mas isso é tema para outro momento.

No sexto capítulo, o autor aprofunda o Romantismo. Aparecem aí nomes como Eschenmayer e Böhme, autores pouco conhecidos no Brasil. Mesmo em cursos dedicados ao Idealismo Alemão e Romantismo, é raro observar a presença desses autores na bibliografia. Quando são mencionados, o que é raro, normalmente despontam via Schelling.

No sétimo e último capítulo, o autor retorna a Hegel, mas agora não mais o jovem, mas sim maduro. Primeiramente, Coelho segue a lógica hegeliana por meio da *Ciência da lógica*, explicando suas bases e divisões. Na sequência, apresenta o que chama de “ciências do pensamento”, “ciências da natureza” e “ciências da cultura”, isto é, a lógica, a filosofia da natureza e a filosofia do espírito. Essa apresentação, que é bastante clara, segue a *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio* e pode servir como uma introdução à filosofia hegeliana. Finaliza-se com a filosofia do direito de Hegel. É curioso o fato de Schopenhauer comparecer nesse último capítulo. Normalmente, ele não está presente nas obras dedicadas ao Idealismo Alemão ou ao Romantismo. Mas Coelho justifica sua importância. Schopenhauer irrompe como o passo seguinte, a consequência natural desses movimentos, positiva e negativamente. Por isso, é importante ver como o Idealismo e Romantismo são recepcionados por uma nova geração. Ou seja, como se propõem para além de si.

Consideramos que *Idealismo e Romantismo: uma história geral das filosofias do saber e da liberdade* é uma grande contribuição à literatura especializada brasileira. Mas, mais do que isso, é inédita. Desconhecemos qualquer autor brasileiro que abordou o Idealismo e o Romantismo em seu paralelismo em um grau tão elaborado. Existem curtos artigos que trazem alguns desses paralelos, mas não longos livros. A bibliografia usada pelo autor, indicada ao final, evidencia a

sua qualidade teórica e os anos precedentes de pesquisas, mas também as possibilidades de novas investigações, o que é ótimo para quem deseja pesquisar. O livro é um material muitíssimo recomendado para cursos de graduação e pós-graduação, isto é, tanto para pesquisas iniciais e quanto para pesquisas avançadas, atingindo interessados no Romantismo, no Idealismo, nas filosofias dos séculos XVIII e XIX, notadamente de vertente alemã.

REFERÊNCIAS

- BECKENKAMP, Joãozinho. **Ceticismo e Idealismo Alemão**. São Paulo: Loyola, 2019.
- BECKENKAMP, Joãozinho. **Entre Kant e Hegel**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BERLIN, Isaiah. **As raízes do Romantismo**. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Fósforo, 2022.
- BERLIN, Isaiah. **As raízes do Romantismo**. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Três Estrelas, 2015.
- BERLIN, Isaiah. **Ideias políticas na era romântica: ascensão e influência no pensamento moderno**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- COELHO, Humberto Schubert. **Idealismo e Romantismo: uma história geral das filosofias do saber e da liberdade**. Petrópolis: Vozes, 2024.
- DUDLEY, Will. **Idealismo Alemão**. Trad. Jacques Alkalai Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2022.
- GUINSBURG, Jacob. (Org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2020.
- HARTMANN, Nicolai. **A filosofia do Idealismo Alemão**. Trad. José Gonçalves Belo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1960.
- HORTA, José Luiz Borges; SALGADO, Karine. **História, Estado e Idealismo Alemão**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade**. Trad. Nair Fonseca. São Paulo: Boitempo, 2015.
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo: uma questão alemã**. Trad. Rita Rios. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.
- SALIBA, Elias Thomé. **As utopias românticas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.
- SAYRE, Robert; LÖWY, Michael. **Anticapitalismo romântico e natureza: o jardim encantado**. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- WERLE, Marco Aurélio; GALÉ, Pedro Fernandes. (Orgs.). **Arte e filosofia no Idealismo Alemão**. São Paulo: Barcarolla, 2009.